

Emílio Rodrigué  
Isaías Melsohn

# Transgressões criativas

*Desde o número 24, Percurso vem publicando alguns textos que originalmente foram apresentados durante o evento “Acontecimento Estético na Clínica Psicanalítica” (1996), promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Nesta edição, coube à seção DEBATE trazer até o leitor a conversa que, naquela ocasião, Isaías Melsohn e Emílio Rodrigué travaram entre si e com o público, movidos por suas reflexões sobre o tema Formas Simbólicas e Trabalho Analítico.*

*Esses dois notáveis psicanalistas dialogaram livres de preconceitos e polarizações, movendo-se com graça entre idéias bastante diferentes, em nada próximas ao lugar comum, e curiosamente avizinhas. Melsohn prefere considerar as formas de consciência à noção psicanalítica de inconsciente; prefere enfatizar as apresentações às representações. Conforme as idéias que adota e sua maneira própria de pensar, as formas simbólicas são várias e irreduzíveis umas às outras. Entre elas, a forma expressiva constitui a trilha imprescindível ao trabalho analítico. Rodrigué, longe de enaltecer a drogadição, reconhece no uso da cocaína uma força positiva sobre a criatividade de Freud e incita-nos a inventar um tipo de relação com o inconsciente na qual a formação de analis-*

*ta inclua um toque iniciático. Para ele o trabalho analítico pede a cada praticante um contato espantoso com o inconsciente – tal qual se deu entre Freud e a cocaína, tal qual se deu com Freud na Acrópole –, configurando uma transgressão criativa que nos permita exercer essa arte.*

*A psicanálise nasceu debruçada sobre o tema da simbolização. Muito já se pensou e se escreveu a seu respeito sem esgotar o assunto nem tampouco os enlaces que ele mantém com várias outras questões. A riqueza do diálogo que se segue talvez esteja, antes de tudo, no decorrente modo de manejar a transferência no processo analítico: acolher micro movimentos a cada passo de cada sessão, permitindo passar sua rota de sentido e con-*

**Emílio Rodrigué** é psicanalista argentino, radicado em Salvador, autor de vários livros entre eles: *El antiyo-yo: nova proposta amorosa* (em co-autoria com Martha Berlin, editora Imago), *O paciente das 50.000 horas* (Imago), *Gigante pela própria natureza* (Escuta) e *Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1895-1995* (Escuta).

**Isaías Melsohn** é psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autor de *Psicanálise em nova chave* (Perspectiva) e *Isaías Melsohn. A psicanálise e a vida* (em co-autoria, como entrevistado, com Bela Sister e Marilsa Taffarel, editora Escuta).

*duzindo analista e analisando no trabalho com a matéria expressiva. Isso parece ressoar com bastante ênfase entre esses dois respeitáveis mestres de nosso ofício. (Mara Selaibe)*

**Emílio Rodrigué:** (...) ontem de noite tive um sonho onde aparecia uma pessoa que talvez fosse o Mário [Fuks, coordenador da mesa], e me dizia: "Emílio, você não sabe nada do Jurassic Park". Ou seja, de dinossauros... E, então, me dei conta depois de que o assunto que vou falar hoje, na realidade, tangencialmente toca o efeito estético, é mais ou menos na fantasia do momento, e como fantasia é estética.

Freud suspira, espirra, molha a pena para escrever sua centésima carta de amor:

*Ai de você, minha princesa, quando eu chegar. Eu vou beijá-la até você ficar bem corada e alimentá-la até você ficar bem rechonchuda. E se você ficar teimosa, verá quem é mais forte: uma delicada jovem que não quer comer o suficiente ou um grande e selvagem homem que tem cocaína no corpo.*

Intrigante bilhete, versão surrealista de Chapeuzinho Vermelho com um final indeclinável: o lobo Freud quer comer sua saborosa namorada. A carta vai mais além de uma fantasia sádica em estado nascente; testemunha, ao vivo e diretamente, uma produção literária escrita sob os efeitos da droga. Só com "cocaína no corpo" poderia um tímido e neurastênico rapaz judeu – para muitos considerado virgem – escrever esse bilhete gargantuesco.

Vejamos outra carta:

*Se você realmente insiste em encontrar-me na estação, não posso impedi-la. Eu era contra, porque não quero que a estação e as bagagens interfiram em nossos primeiros beijos. Mas se você não ficar encabulada na frente dos sérios hamburgueses e quiser dar-me um beijo logo que eu a vir e, a caminho de Wandsbeck, outro e mais outro,*

*então eu concordarei. Não ficarei cansado porque estarei viajando sob a influência da coca...*

Aqui nasce a seguinte dúvida, será possível que esse "homem selvagem com cocaína no corpo" chegasse virgem ao casamento de-

“

**P**or outra parte, aqueles que cheiraram alguma vez concordarão comigo que a cocaína lança um fogo estranho sobre a sexualidade.

”

pois de quatro anos de noivado a ferro quente?

Pense bem, um rapaz bonito, com belos e ardentes olhos pretos, picaresco, membro da Academia Espanhola, que amou tão intensa-

mente a Gisela, que incinerou sua correspondência, que numa viagem à Itália rumou para o bairro das prostitutas, consumidor habitual da cocaína por mais de 10 anos, não será excesso de idealização imaginar que esse "Conquistador" chegou virgem ao matrimônio? Jones, Gay, Wittels, juram que sim. A essa altura eu não sei se eles estão idealizando ou denegrindo.

Por outra parte, aqueles que cheiraram alguma vez concordarão comigo que a cocaína lança um fogo estranho sobre a sexualidade. É óbvio que Jones nunca cheirou. Estamos frente a uma droga erótica. O próprio Freud fala das propriedades afrodisíacas da coca.

Outro ponto que surge da correspondência sob os efeitos da cocaína, pode se ver na seguinte carta:

*Você pensa que eu realmente sou simpático? Tenho minhas dúvidas a respeito. Acredito que as pessoas acham em mim alguma coisa que as desconcerta e isso se deve, em última instância, ao fato de que em minha juventude nunca fui jovem e de que agora, quando a idade madura bate à porta, não consigo envelhecer... Mas hoje estou falando e falando, como o quê. Há tantas coisas que eu queria lhe dizer!*

*... Saiba que o homem é uma mistura bem estranha. Suas virtudes estão na origem de sua perdição, enquanto as falhas lhe dão sua felicidade. Meu doce tesouro, estou fazendo confissões bem estúpidas, sem razão nenhuma, a não ser que a cocaína tenha destravado a língua.*

Jones escreve que "se trata do mais extenso comentário que Freud já fez de si mesmo".

Se quisermos rastrear as sementes remotas "desse concerto para a mão esquerda" que é a auto-análise, podemos encontrá-las na prolífica correspondência com Silberstein, no *Traumdeutung* e neste período de correspondência cocaínica.

Nunca fui jovem, disse Freud.

Suas faltas lhe dão felicidade. A cocaína é sua falta.

Freud, a 30 de abril de 1884, experimenta uma pequena dose de muriato de cocaína e comenta que “em poucos minutos experimentei súbita exaltação”. Era, como escreve a Martha, uma “droga mágica” e conclui: “só agora me sinto médico”. Mais que surpresa, foi pasmo.

Jones chama a transgressão freudiana de desvio, Siegfried Bernfeld tem o mérito de ser o primeiro a considerar a droga não como um acidente de percurso (interpretação jonesiana), mas como uma transgressão criativa. Freud, com a coca, seguiu pela primeira vez seu caminho. As investigações sob a direção de Brücke e de Meynert, bem como seu trabalho em neurologia clínica são fundamentalmente conservadores, embora revelem singular talento e originalidade no detalhe. Os objetivos visados, a metodologia, as questões colocadas e suas respostas são elementos totalmente alinhados ao positivismo doutrinário de seus mestres. Em contrapartida, ninguém endossou seus estudos sobre a cocaína. Concordo com Assoun quando disse que “entramos nos domínios de uma transgressão das regras do jogo epistêmico, brecha sutil pela qual se desloca a promessa de autonomia”.

Eu iria mais longe no universo simbólico de Freud, eu diria que se os sonhos são a via régia do inconsciente, a cocaína eletrificou as trilhas.

Isso nos leva a considerar, em uma pequena digressão, a problemática das drogas em geral.

Segundo Dante, no dintel do Inferno os pecadores encontram um cartel que diz:

*Lasciatti ogni speranza voi qui ch'entrate.*

Diabo, em sua casa, foi um cavaleiro e, por uma vez, ele diz a verdade. Que aconteceria se nada fosse escrito no portal e o pecador

pensasse que tudo isso teria um fim que nunca chega: uma eternidade esperança desesperançada; um inferno ainda mais infernal.

Clara Cruglak nos fala do círculo infernal da demanda como o umbigo da adicção, própria ao es-

“

Eu iria mais longe  
no universo simbólico  
de Freud, eu  
diria que se os sonhos  
são a via régia  
do inconsciente, a  
cocaína eletrificou  
as trilhas.

”

cravo da dívida. Essa é a etimologia de *adictus*: escravo de uma dívida. Lugar dantesco da eterna repetição, incendiada por uma ilusão que não conhece limites e devora. Concordo com ela, mas acredito que nesse círculo infernal da demanda, o úni-

co “bom”, se cabe a palavra, é que não há esperança.

Que tal este poema de Fray Luis de León:

*Vivir quiero conmigo,  
Gozar quiero del bien que  
debo al cielo  
A solas sin testigo  
Libre de amor, de celo,  
De odio, de esperanza,  
de recelo.*

Se no lugar de “*cielo*” se coloca “*inferno*”, a coisa fica ainda mais clara.

Clara Cruglak fala do império da “estafa” no mundo das drogas, mas também nos adverte que somos preconceituosos. Somos.

Eu sou um adicto por minha própria natureza, nesse sentido, como o Homem dos Ratos, sou escravo de várias dívidas.

Tenho, em primeiro lugar, uma dívida com as anfetaminas, graças a elas pude receber-me num tempo registrado no Livro dos Recordes da Faculdade de Medicina. Estou agradecido à maconha, ela foi minha maior mestra, depois de Melanie Klein. Estou agradecido ao cogumelo sagrado e ao peyote por viagens incríveis na terra dos Mayas. Como ir a um carnaval sem lança perfume? A isso se soma o que me acaba de dizer Ricardo Neves: o leite é o antidepressivo da família do Prozac. A alface também.

O lança perfume não é o paradigma de que a droga cumpre?

E o caso da cocaína: ela não eletrificou as trilhas da psicanálise?

Tomemos as drogas chamadas “Heróicas”: a heroína – mais heróica impossível – e a cocaína. Drogas pesadas, malditas, elas também entram em um pacto de morte com o usuário. O mesmo acontece com o terceiro flagelo – o álcool. São as drogas da pulsão de morte, elas cumprem. Recomendo o filme “Despedida em Las Vegas”.

Eu nunca me senti estafado, exceto talvez, com o cigarro. Para

mim as drogas cumprem, entregam a mercadoria, produzem seu efeito.

Falaria, então, de pacto e não de estafa, considerando que esses pactos podem ser diabólicos.

Neste século pós-moderno onde as coisas – a mulher, a relação sexual, o louco, a pedagogia – não existem, não seria mais ajustado propor que as drogas não existem. Existem, sim, abusos políticos e privados das ervas. Exemplo, o abuso dessa planta sagrada: o tabaco.

Numa manhã fria de 1904, dois irmãos estavam frente ao *Lloyd de Trieste*. Pouco falavam, pareciam inquietos; talvez maldiziam a hora em que o irmão mais jovem, Alexandre, havia insistido numa descabida viagem à Grécia. Nem passaportes tinham.

Os dois irmãos finalmente partiram. No dia seguinte, o irmão mais velho, Sigmund Freud, frente à Acrópole, teve uma sensação de pasmo, uma espécie de vertigem espiritual, de tempo fora do tempo. Daí Freud conclui: “Então existe a Serpente Marinha, na qual nunca acreditávamos!”.

Essa experiência de espantoso gozo na Acrópole é importante. Temos que procurar nossa criatura impossível no ano 2000. Agora bem, esses lugares apenas entrevistados precisam de uma atalaia, ponto privilegiado para officiar de miradouro. Freud, na Acrópole, lembra Napoleão, aquele que disse: “Do alto destas pirâmides 40 séculos nos contemplam”.

Eu acho, repito, temos que encontrar essa criatura impossível, esse minotauro, que para mim significa um tipo de relação com o inconsciente, onde meu isso dá o melhor de si. Unicórnio, digo, porque se trata de uma disposição do espírito, onde se torna possível desenvolver nossa arte de ser psicanalistas. Dessa forma, a psicanálise se converte numa disciplina que permite que uma reflexão seriada se torne iniciática, na medida em que

damos um registro simbólico ao desconhecido. Existe um caminho marcial no ser analista.

Mas voltemos à Acrópole contemplada por Freud. O que era o impossível que logo virava realidade? Qual era o objeto de pasmo?

“

**E**u acho, repito,  
temos que encontrar  
essa criatura  
impossível, esse  
minotauro, que para  
mim significa um tipo  
de relação com o  
inconsciente, onde  
meu isso dá  
o melhor de si.

”

Creio que o objeto de pasmo era ele mesmo, melhor dito, sua genialidade. “A interpretação dos sonhos”. Era um genial monolito que estava aí para dar testemunho.

Esse monolito ficava suspenso no fio de dois séculos. O

*Traumdeutung*, como o Cristo, nasce antes de seu tempo. Freud salva o novo século que vai nascer com sua marca.

Temos dois momentos de pasmo, a cocaína e a Acrópole, lugares onde mora a alucinação junto com Unicórnios e Serpentes Marinhas, lugares de estados de consciência alterados, lugares criativos. Isso me lembra um poema de Octavio Paz: “No jardim das proibições o homem é cúmplice do raio”.

Nós somos os herdeiros desse raio. O *Traumdeutung* cumpre cem anos no ano 2000, fechando o milênio. A jovem “ciência” centenária está de parabéns. Foi uma larga cruzada, nosso dever desejante nos fez avançar, com as falhas do amor e as baixas da guerra. Fomos longe, amigo lobo.

**Isaiás Melsohn:** Um paciente entra na sala e diz ao analista: “Eu vou pagá-lo hoje porque amanhã não virei à sessão”. O analista havia aprazado suas férias, havia avisado ao paciente que no dia seguinte àquele a que estou me referindo, dia da sessão, iriam começar as férias do analista. Então o paciente diz que vai pagar porque no dia seguinte não iria à sessão.

A seguir diz: “Sabe aquela gravura a que eu me referi há poucos dias aqui, eu acabei por vê-la no seu original”. (O paciente havia se referido em dias anteriores a uma gravura que ele encontrara na sala de consultas, dizendo que era muito parecida com uma outra que o lembrava de uma gravura da sua juventude). Eu encerro aqui a referência ao relato da sessão.

Nós todos podemos imaginar perfeitamente que o seu pagamento naquele dia significava assumir ativamente a decisão de romper, antecipando-se de um dia ao rompimento por interrupção de férias, proposto pelo analista. Mas, e a segunda fala? Tenho para mim, que a segunda fala pode ser apreendida como a presentificação, como a re-

cuperação de uma gravura que era exatamente aquela da sua juventude. O fato de haver uma outra gravura presente na sala do analista, à qual ele havia se referido como sendo parecida com aquela, sugere-me, tendo em vista todo esse contexto, que ele reconhecia, anteriormente, nessa gravura pendurada na parede da sala do analista, algo que exprime uma proximidade entre o mundo afetivo dele com o do analista. De outro lado, o fato de ter selecionado na série mnêmica o episódio em que ele encontra aquela gravura original com a qual teve contato na juventude, exprime, no presente vivo da sessão, uma recuperação de valores e experiências próprias dele, que implicam, ao mesmo tempo, um corte e um afastamento do analista.

Esta maneira de ver se opõe a uma outra que poderia tomar a evocação da gravura e a comparação das duas através de um outro caminho de organização de significação. Tomar a gravura antiga como momento de uma história pessoal, trabalhar sobre essa história e tentar recuperar momentos anteriores.

A meu ver, porém, todo este conjunto de acontecimentos tem um sentido diverso e ele pode ser aprendido sem o recurso à proposta de tornar consciente o inconsciente. Todo esse conjunto de pulsões e sentimentos, de afastamentos, de recolher-se à sua intimidade, de propor ao analista, nessa fala, que ele é capaz de contar consigo e com o acervo de suas experiências de vida, resulta de um movimento intencional pulsional que se organiza em conteúdos psíquicos que *apresentam* a vida emocional. E aqui a palavra *presença* se opõe a uma outra que significa representação.

Há duas ordens diversas de organizações de sentido e de significação, portanto de organização de vida simbólica. Uma é a forma expressiva que apresenta a vida emocional e a outra é a forma representativa que se realiza por meio do

imbricamento de conceitos. Os conceitos nos afastam de um contato imediato com os objetos, ao mesmo tempo que introduzem uma distância respeitosa para poder pensá-los e refletir sobre eles. Esta dicotomia exprime a organização do tra-



**O**s conceitos nos afastam de um contato imediato com os objetos, ao mesmo tempo em que introduzem uma distância respeitosa para poder pensá-los e refletir sobre eles.



balho mental em dois registros, em dois níveis que são concomitantes. Ao mesmo tempo em que o pensamento se articula exprimindo uma série de acontecimentos e de memórias sob a forma denotativa ou de referência, ele também se utiliza

destes recursos para veicular momentos expressivos da vida afetiva. O problema está em descobrir *presença* imbricada e embebida na linguagem de referência habitual.

Essa distinção de organização de estruturas do pensamento e de formação de conteúdos de consciência é elaborada na história do pensamento de uma maneira sistemática por Ernest Cassirer. Susanne Langer trata do mesmo problema no seu trabalho inicial de *Filosofia em Nova Chave* e também em *Sentimento e Forma*. Por fim, em *Mind, an Essay on Human Feeling* Susanne Langer desenvolve mais amplamente tais idéias.

Tratemos então, em rápidas linhas, de compreender melhor o que significa a expressão “formas simbólicas”. Esta problemática surge em torno de 1911 para Cassirer. Ele é, até então, um filósofo do conhecimento, um epistemólogo. Em 1905 ele escreve um alentado trabalho que se denomina *O Problema do Conhecimento*, onde ele fez uma reflexão sistemática sobre os problemas epistemológicos modernos sobre as ciências da natureza, que vai desde o renascimento até a morte de Hegel, em 1832. Num manuscrito que ele deixou, publicado postumamente em 1945, retoma a história do conhecimento após a morte de Hegel até o presente. Em 1911, ante os problemas suscitados na filosofia pela física-matemática moderna e, especialmente, a partir de Maxwell, pelos problemas do eletromagnetismo, ele produz um trabalho que se denomina *Substância e Função*. Nesse trabalho ele elabora questões epistemológicas que vão se confirmar num novo trabalho, em 1918/19, sobre a Teoria da Relatividade pouco depois de, em 1917, Einstein ter formulado os seus fundamentos.

Com o que Cassirer se defronta na história do pensamento moderno? Com o perecimento da noção de substância e com o perecimento dos fundamentos da física

alicerçados por Newton, no século XVII, na Mecânica Clássica. O eletromagnetismo traz à tona certos impasses, certas leis incompatíveis com os princípios da Mecânica Clássica da maneira como Newton os instituiu.

Assim, Cassirer propõe que o que constitui e produz a realidade e a nossa concepção dela são construções ideais – tais como a Matemática, que configura em equações uma significação e uma concepção do mundo.

A noção de uma realidade material última, tal como a Mecânica a concebia, é uma construção ideal. Este problema, retomado em 1919, no trabalho sobre a Teoria da Relatividade, de Einstein, vai confirmar aquilo que anunciava no seu estudo de 1911: a crítica da noção de substância – tão cara à história da filosofia ocidental, a metafísica – e uma nova teoria sobre a constituição da significação e da construção da realidade. Essas questões irão mostrar a elaboração de sua obra maior, marco importante na filosofia da cultura: *A Filosofia das Formas Simbólicas*, escrita entre 1921 e 1929.

O primeiro volume, escrito entre 1921 e 1923, denomina-se *Linguagem*; o segundo volume (1923 a 1925) é denominado *Pensamento Mítico*; o terceiro (1925 a 1929), trata do conhecimento científico e se denomina *Fenomenologia do Conhecimento*. Um resumo de suas concepções foi publicado em 1925, *Linguagem e Mito*, que Susanne Langer (introdutora do pensamento de Cassirer nos Estados Unidos) traduziu para o inglês. A editora Perspectiva tem uma edição traduzida para o português.

O que é que diz Cassirer, em poucas linhas? Que há formas diversas de concepção do real que são absolutamente originais. A linguagem cria uma concepção do mundo. O mito, a arte e o conhecimento criam, igualmente, formas originais de concepções do mundo. São,

todas, formas simbólicas diversas, com funções espirituais distintas, que atendem a destinos específicos da humanização e não podem ser referidas a outras realidades supostamente subjacentes a elas. O mito, por exemplo, não pode ser enten-

“

Penso que não há um inconsciente acabado e configurado em imagens; que não há por trás do sonho um conteúdo latente. Ele é uma figuração que se produz em estado de consciência.

”

dido como referido a um outro mundo real que o explica.

É a partir daí que Susanne Langer desenvolve mais extensamente a questão de formas simbólicas presentativas e representativas,

mostrando a diversidade de organização dos processos intelectivos de abstração, de análise e de síntese.

Eu figurei, no exemplo dado acima, uma forma de apreensão de uma realidade espiritual e sugeri que a posse imaginária da gravura que o paciente recuperou foi um movimento espiritual atual, que buscou algo para se afirmar como independente e para romper uma relação.

Aquilo que, supostamente, o trabalho analítico visa a apreender imaginando que se trata de conteúdos e de uma série de representações inconscientes, eu, de minha parte, acredito que não seja nada inconsciente. Penso que não há um inconsciente acabado e configurado em imagens; que não há por trás do sonho um conteúdo latente.

O sonho é uma figuração que se produz em estado de consciência no qual elementos fundamentais de organização intencional e pulsional encontram, no mundo das imagens, a forma adequada de sua expressão. Em vigília há um pensamento organizado de outra maneira. O ensino da linguagem e a ordem de conexão entre representações e conceitos permitem ordenar o mundo das representações de uma determinada maneira. O mundo do sonho exhibe aspectos absolutamente individuais.

Diz-se, impropriamente falando, que o sonho, a neurose, o mito são linguagens. Não são linguagens. Linguagem é um sistema de articulação de diferenças e de articulação de fonemas, ao passo que o sonho, mito, sintoma neurótico são produções expressivas. É a explosão de configurações imaginárias que dá forma e expressão à vida dos impulsos que são absolutamente individuais.

O que o trabalho analítico visa, a meu ver, é construir por meio de uma linguagem comum a dois seres humanos, uma apropriação e transfiguração emocional de conteúdos absolutamente individuais que, no entanto, também se comunicam por

via expressiva. No entanto, é a formulação na experiência psicanalítica que permite construir um mundo comum a dois.

**Rodrigué:** Isaías, acho que lhe falei, na época de nosso diálogo, sobre meu contato com Susanne Langer, que foi muito especial. Por vários motivos, escrevi bastante, fazendo de minha biografia de Freud um fio para falar de outras coisas; mas nunca falei de meu encontro com Susanne Langer, porque era como se fosse bonito demais.

Foi o seguinte: por volta de 1956, eu estava escrevendo um texto sobre simbolismo, tinha que produzir um texto importante, e ele não estava bem acabado. Então, pedi permissão a minha mulher e fui passar uma semana numa pousada, ao sul de Buenos Aires, para escrevê-lo. Levei uma série de livros. Um deles era um artigo de uma moça chamada Marion Milner, mão direita de Winnicott, uma pessoa que fala muito do papel da ilusão e que tinha um livro chamado *Não Saber Pintar*. Lendo o artigo de Marion Milner encontrei uma nota de rodapé, que dizia o seguinte: “Se eu tivesse lido antes *Filosofia em Nova Chave*, de Susanne Langer, esse artigo seria muito diferente”. Isto me causou grande impacto e anotei a referência.

Eu estava perto de uma cidade muito pequena e, quando num determinado momento fiquei sem papel, fui à livraria local – que era realmente o fim do mundo – e lá, nessa livraria, havia livros de bolso, em inglês. Entre eles, lá estava *Filosofia em Nova Chave*! Acho que são esses momentos que Jung explica! Foi um fenômeno de sincronicismo total. Comprei o livro, fui à pousada e comecei a ler. Durante toda aquela noite li Susanne Langer.

Não sei se você concorda, Isaías, mas uma virtude de Susanne Langer é que ela nos faz sentir inteligentes. Foi assim que nessa mesma noite terminei de ler o livro e

escrevi uma carta para ela – uma carta muito sedutora, uma lindíssima carta, onde dizia: “Dra. Langer – lembro uma parte – em minha vida tive três grandes amores intelectuais: aos dez anos descobri Tarzan, aos quinze descobri Aldous Huxley

“

Desde menina  
tinha sido muito autista,  
e conservava um  
problema de relação  
com um  
público grande.  
Na clínica onde eu  
estava havia gente muito  
agressiva, analistas  
que se achavam o  
máximo.

”

e agora, aos trinta e poucos, seu livro. Agradeço-lhe porque me fez sentir muito inteligente. Eu quero conhecê-la”. Mandei a carta.

Passaram-se três meses, nada; seis meses, nada; um ano, nada. Então escrevi uma segunda carta: “Dra.

Langer, não sei se lembra de mim. Eu lhe escrevi uma carta, talvez um pouco abusada, mas realmente quero conhecer a senhora”. Passaram-se três meses, nada; seis meses, nada. Então, lá se foi uma terceira carta: “Dra. Langer, se a senhora não me responder, irá me encontrar na porta de sua casa”. Então se passaram uns vinte dias e chegou um cartão postal que dizia: “Dr. Rodrigué, desculpe-me, eu tenho uma grande dificuldade em escrever; lamento muito, mas sou assim. Se o senhor quiser, aqui perto de onde moro – ela morava em Connecticut – em Massachusetts, há uma clínica que é dirigida por David Rappaport e Milton Erickson e eu acho que o senhor poderia trabalhar lá e vir me ver uma vez por semana. Eu não tenho discípulos, mas poderia fazer esta concessão”. Então eu escrevi, fui e passei quatro anos!

Todas as quintas-feiras eu saía da clínica e permanecia com ela, que na época era uma mulher que iniciava a terceira idade. Ela morava numa casa de madeira. Não tinha rádio, nem televisão, só um violão que tocava e livros. Ela estudava e escrevia dezoito horas por dia. Eu passava lá toda uma tarde por semana. Lembro-me que ela fazia um bife, um churrasco, na lareira. Ela começou a me ensinar Hegel e depois começou a ler seus próprios textos. Ela achava que eu sabia a respeito do que ela estudava, por exemplo, o sistema auditivo dos periquitos. Eu escutava e, aos poucos, formou-se uma boa relação de mestre e discípulo. Ela gostava de pesquisar sapos e tinha um tanque com eles.

Uma vez solicitei à clínica onde eu trabalhava que ela desse uma conferência lá e me propus a fazer a introdução. Ela foi. Desde menina tinha sido muito autista e conservava um problema de relação com um público grande. Na clínica onde eu estava havia gente muito agressiva, analistas que se achavam o máximo. Eles realmente eram muito

bons, mas fizeram miséria com ela, atacaram-na e ela não sabia se defender. Estava muito constrangida porque não respondia socialmente. No entanto, para ela parece ter tido um efeito enorme, escreveu *Lógica Simbólica* que é um livro fantástico. O que conheço de Lógica Simbólica, o sei por esse livro.

Ela; evidentemente, era uma discípula de Cassirer. Quando Isaías falou que os trabalhos de Cassirer foram iniciados em 1911, isto me chama muita atenção. Que momento singular havia na Europa de 1910 a 1912: há Freud, com *Totem e Tabu*, Wertheimer lança sua Gestalt, Moreno lança o psicodrama, Watson lança a teoria do condutismo e Cassirer a teoria do significado. Ou seja, foi um momento muito particular.

Bem, o que aconteceu entre Susanne Langer e eu foi que a partir de quando nos despedimos, nunca mais soube nada dela: ela nunca me escreveu, lógico, ela não escrevia, e eu tampouco... E, por exemplo, eu não sei quando ela morreu...

**Melsohn:** Ela morreu cega. Ela não conseguiu terminar a última obra que pretendia fazer, uma epistemologia da Matemática e da Física.

Mas, essas suas conversas com Susanne Langer lembram-me de uma pequena história que eu gosto de repetir: Demócrito de Abdera, filósofo do século V a.C., era dado a observações, dissecções, vivisseções e ficava absolutamente excitado quando era possuído por certas idéias. Certa vez, a família muito preocupada, achando que ele estava "lelé", resolveu chamar um médico da vizinhança, que outro não era senão Hipócrates, da ilha de Cós. E Hipócrates foi ter com Demócrito e ficaram os dois, três dias e três noites, conversando.

Rodrigué, você não citou aqui um importante trabalho que você escreveu, *O Primeiro Símbolo*, creio

eu, retomando a vida de Helen Keller exposta por Susanne Langer no que diz respeito ao surgimento da vida simbólica. Nesse trabalho, você nos mostra algo mais da história que Sullivan, a enfermeira de Helen Keller, escreveu.

“

Há Freud, com  
*Totem e Tabu*;  
Wertheimer lança sua  
*Gestalt*; Moreno  
lança o psicodrama;  
Watson lança a teoria  
do condutismo,  
e Cassirer a teoria do  
significado.

”

Helen Keller foi afetada em tenra idade por uma doença neurológica. Ficou cega, surda e muda. A biografia de Hellen Keller, retomada por Susanne Langer, conta o episódio do surgimento do primeiro sím-

bolo dessa criança. A menina estava fora, no jardim, perto de uma bica. Sullivan, a enfermeira, pega a mão de Helen Keller, coloca-a debaixo da bica e na outra mão verte os sinais da palavra água. O rosto da criança se ilumina e ela repete os sinais "água". Nasceu o primeiro símbolo que relaciona uma experiência com um signo lingüístico, que abre um mundo, delinea, configura a percepção e permite reter, manter uma experiência e depois retomá-la – é o nascimento da memória.

Rodrigué fala de um paciente dele e nos relata que Keller, depois daquele episódio, no caminho de volta à sua casa, aprende vários outros signos. E, no seu quarto, vai buscar debaixo da cama uma boneca que ela sempre estraçalhava e jogava, e a coloca amorosamente no colo. Você se lembra desse seu trabalho, sem dúvida, a propósito de um caso clínico em que você descreve o surgimento do primeiro símbolo.

Há um aspecto fundamental que eu gostaria de frisar: os problemas do simbolismo são examinados no contexto de novas concepções semânticas, revolução dos estudos semânticos iniciada no século passado. Os grandes nomes aí são Peirce, Russel e Whitehead. Estes dois últimos, reformulam numa obra chamada *Principia Mathematica*, certos fundamentos da Lógica Matemática. De outra parte, cabe citar Cassirer e Husserl.

Em 1912, aparecem as contribuições de Wertheimer, um dos fundadores da Psicologia da Forma que examina o problema da percepção do movimento, depois Köhler e, mais tarde, Koffka. Pois bem, estes homens contribuíram de maneira extraordinária para revolucionar todas as nossas concepções psicológicas clássicas da teoria das sensações, dando-lhes um novo embasamento e formulando os princípios que revolucionaram a psicologia moderna. Há que citar, tam-

bém, por volta de 1918, o trabalho de Max Scheler falando da percepção expressiva e Kurt Goldstein, depois, trabalhando no Instituto de Neurologia de Frankfurt. Tudo isso é elaborado exaustivamente por Cassirer, no terceiro volume da *Filosofia das Formas Simbólicas*, num capítulo que se denomina “O fenômeno da expressão como o fator básico da consciência perceptiva”. Ele examina aí a percepção expressiva, conceito nuclear de novas concepções sobre a vida simbólica.

O símbolo, para Freud, e depois para Jones, é o representante e substituto de uma outra realidade. Mas a teoria do simbolismo de Cassirer – parte integrante da revolução semântica moderna – configura a noção de símbolo de uma maneira totalmente distinta. A vida humana é simbólica, no sentido de que os símbolos são órgãos de produção da realidade; as realidades assim criadas são originais, elas não têm atrás de si outras realidades a que possam ser referidas e que as expliquem.

**Rodrigué:** Isaías, você tem alguma informação que indique se Jakobson conhecia Cassirer?

**Melsohn:** Eu não tenho notícia. Daquilo que eu li de Jakobson, ele segue, talvez, uma outra linha. Jakobson vem de uma corrente que é a “lingüística estrutural”, depois de Saussure, em 1913. A primeira vez que surge a expressão “lingüística estrutural”, é em 1928, com os trabalhos sobre fonética e estruturas fonéticas de lingüistas do grupo de Praga.

Jakobson tem aspectos importantes que contribuem para a apreensão de configurações poéticas, o que ele chama de função poética da linguagem, e que ele analisa num trabalho que se denomina *Linguagem e Poética*. Nesse trabalho ele mostra como existem vários níveis de linguagem; todo signo lingüístico tem um aspecto referencial, um as-

pecto de realidade, um aspecto afetivo, um aspecto chamativo e assim por diante. Ele faz algumas análises extremamente interessantes. Só para dar um exemplo: no slogan eleitoral de Eisenhower, *I like Ike*



**T**odo signo lingüístico tem um aspecto referencial, um aspecto de realidade, um aspecto afetivo, um aspecto chamativo, e assim por diante.



(eu amo Ike), ele nos mostra que *I*, o sujeito, está dentro do objeto *Ike*; há, além disto, uma rima, *I, li, Ik*, uma repetição do ditongo *ai* nos três termos. Tudo isto é apreendido subliminarmente e contribui para a eficácia do slogan político. Ele faz uma análise de outros aspectos da poesia e especificamente da última

estrofe d’*O corvo*, de Poe.

**Pergunta do público:** Dr. Isaías, fiz uma apreensão do seu fragmento de sessão e gostaria que o senhor pudesse fazer algum comentário a respeito. Quando o garoto diz “Eu pago hoje porque amanhã eu não venho”, tive a impressão de um movimento de expansão do mundo mental; com o movimento seguinte, tive a impressão de contração desse mesmo mundo, através da situação com a gravura. Então, considero um movimento na direção do simbólico, da expansão do mundo mental e um movimento no sentido do primitivo: a gravura, a imagem, o fragmento.

**Melsohn:** Eu temo não poder concordar com essa idéia de retorno para o primitivo. Sem dúvida o fragmento contém vários movimentos espirituais; há um movimento ativo de rompimento e outro de retração. Mas o primeiro já é uma retração, já é uma separação. Se considerarmos “eu lhe pago porque eu não virei amanhã”, isto significa afastar o outro e afastar-se dele. O segundo movimento vai denunciar a complexidade deste primeiro: não é apenas que ele põe o analista de parte e se afasta, mas põe de parte porque tem também outros recursos aos quais tenciona voltar, que são do seu passado. Pode ser um movimento de retorno a alguma coisa, que no processo analítico visa a se desenvolver e se modificar e sob esse aspecto poderia ser uma, assim chamada, regressão. Essa regressão contém ao mesmo tempo um apelo aos próprios recursos e um afastamento.

É possível que esse apelo aos próprios recursos signifique, de um lado “Eu não quero mais a sua ajuda, eu vou me afastar de você; tudo que você me prometeu antes e me oferece eu não posso mais aceitar e não quero”. É possível, também, que a tentativa de voltar a usar os próprios recursos seja indício de um

movimento de autonomia agressivamente expresso. Enfim, não basta considerar que um é movimento evolutivo e que outro é um movimento meramente regressivo. As nuances e a complexidade da vida emocional aí contidas exibem direções inúmeras e cada uma delas deve ser explorada. Por exemplo, que esse retorno e regressão, assim como a utilização dos próprios recursos contêm um momento positivo além dos negativos que também podem ter.

**Luiz Meyer:** Gostaria de fazer uma pergunta aos participantes da mesa e, particularmente, gostaria que Rodrigué comentasse se partilha da visão do Isaías. Basicamente o que me preocupa no pensamento de Isaías é o que provavelmente eu não entendo. Ou seja, o aspecto a-histórico em que a descrição do sujeito e da expressividade parece ser algo *ad hoc*, que nasce no momento em que ela necessita se exprimir e que parece não ter nenhuma raiz na história do sujeito. É nesse sentido que o conceito de inconsciente nos salva. No trabalho que apresentei aqui, eu usei como modelo a escultura *Cabeça de Touro*, de Picasso, que é uma *assemblage*, uma criação feita a partir do selim e do guidom da bicicleta. O artista tomou o guidom, colocou o selim de pé, e nós olhamos e vemos a cabeça de touro. Uma coisa em que eu insisto, é que eu só posso apreender a transformação poética realizada pelo artista porque no seu transfundo há uma referência constante à bicicleta que faz parte do meu cotidiano. E essa forma expressiva nova, absolutamente inusitada, que aliás me remete ao touro também, eu a apresento como uma transformação do objeto do cotidiano que cria um novo objeto. Mas o cotidiano, esse passado, esse inconsciente cultural, estava ali expresso. Ora, o Isaías, se eu o acompanho, abre mão da bicicleta para entender a obra do Picasso.

**Melsohn:** Quando eu vejo a escultura, eu subitamente vejo uma bicicleta da qual eu abstraio uma forma. Aquela. E ela me veicula um novo destino de forma, uma nova visão – da mesma maneira que o

“

No processo analítico, a consciência é um puro presente; o passado, absolutamente, não existe. Existe como configuração retida: é evidente que tudo provém do passado – e eu jamais ousei dizer que não.

”

pintor, quando olha a natureza, não vê maçãs, árvores, mas vê linhas, ritmos, movimentos, solicitação do corpo. Ele tira isso num movimento de abstração intelectual e pinta linhas. Kandinsky faz as linhas que exprimem e mobilizam o corpo e que têm uma harmonia ou algo que se chama artístico. A bicicleta não deixa de existir, mas o problema não é mais a bicicleta, porque o que a escultura me permite é configurar

algo de um ritmo dinâmico, inerente à bicicleta que eu antes poderia não ter aprendido e que me foi revelado. No processo analítico, a consciência é um puro presente; o passado absolutamente não existe. Existe como configuração retida e é evidente que tudo provém do passado – e eu jamais ousei dizer que não. Mas não existe como conteúdo de representação: existe como configuração de estrutura, de campo de forças. Existe, como Merleau-Ponty bem disse em 1945, um esquema emocional que se preenche a cada instante de novos conteúdos. Mas, mesmo quando ressurgue como passado na sessão, dá forma ao presente. A meu ver, retomar o passado sem esgotar exaustivamente o sentido da plenitude do presente, mediante articulação e emergência de uma vida intersubjetiva, não viabiliza o trabalho analítico.

É possível, depois de entender o presente como apenas presente, recuperar e indagar do passado para ampliar a visão de si mesmo que a pessoa possa ter ao longo da sua história. Aquela gravura antiga não me diz nada do passado, ela me diz que é um movimento noético que aparece como do acervo da memória, mas que atende a um outro fim: dar forma ao presente. Só depois é que eu posso investigar o que foi essa juventude, que papel teve, que configurações, que momentos simbólicos se organizaram naquele passado em relação a este presente. Mas é este presente que vai me instruir sobre o passado, porque este presente apreendido é um momento pregnante de novas configurações simbólicas quando entendidas através da relação intersubjetiva que é a análise.

**Rodrigué:** Eu assino embaixo.

**Pergunta do público:** Isaías, quando você fala da forma expressiva e a opõe à forma representativa, é como se a forma expressiva e o conteúdo, de alguma maneira, fossem uma mesma coisa. Nesse mo-

mento, a forma expressiva se configura numa determinada maneira de apresentação, como você disse. Pensando assim, como fica a questão da interpretação na clínica? Parece-me que isso muda totalmente a possibilidade de interpretação.

Se eu lido com representação, lido exatamente com o que você disse daquilo que fica latente, subjacente ao discurso; se a forma expressiva é uma forma de sustentação simbólica, de alguma maneira ela já é uma possibilidade de interpretação daquele sujeito. Como isso teria conseqüências para a clínica da interpretação?

**Melsohn:** Como é que a forma expressiva pode ajudar a veicular a interpretação? Na clínica trata-se de apreender o sentido da relação e dos impulsos. A ordem da representação é uma ordem que a linguagem comum instituiu entre os conceitos. Ela é a mesma que serviu para Aristóteles e que serviu, posteriormente, na botânica e na zoologia para estabelecer as relações de gênero, de espécie, de indivíduos etc. Ela é o resultado de um afastamento do mundo.

A ordem expressiva, no contato afetivo, mobiliza o corpo, mobiliza o afeto; é o afeto. Mas ela também se vale de representações. Se a poesia me diz,

*E este cavalo que anda pela  
cama,*

a passear o peito de quem ama eu vejo um cavalo como vejo a bicicleta. Mas eu não vejo mais o cavalo espécie equina. Eu vejo um ser animado num quarto em desordem e a carne o conduzindo, lambendo o peito da mulher amada. Trata-se de uma ordem de conexão que é denominada de não-discursivo, do símbolo presentativo. Se não é como a música, tem algo da ordem da música e da poesia. Se eu ouço,

*And the raven, never flitting,  
still is sitting, still is sitting*  
minha reflexão não apreende que *raven* e *never* são alterações espe-

culares. Mas sublinaramente eu capto o ritmo e a oposição dos sons. E se depois eu ouço mais,  
*And the lamp-light o'er him  
streaming throws his shadow on  
the floor;*

“

Se eu me ponho  
a chorar no  
*adágio* de Mozart,  
eu não aprecio Mozart.  
E se vou assistir Júlio  
César, vejo o  
que são o ódio e a  
paixão política.

”

*And my soul from out that  
shadow that lies floating on the  
floor*

*Shall be lifted – nevermore!*

Eu também capto *flitting* e *floating*. Se eu descrever – “havia, pousado no umbral da porta, um corvo sobre o pálido busto de Palas” – ou se eu fizer uma reportagem – “Fulano entrou no quarto e descobriu que em cima do umbral

da porta havia um corvo pousado no busto pálido de Palas Atena, grega” – eu também organizo a apreensão de significação através das palavras e das imagens, mas o ritmo e a força do corvo pousado, expresso poeticamente num ritmo e numa rima, faz de Palas Atena, deusa luminosa do Olimpo, uma figura mortífera contaminada pelo inexorável corvo agourento. E essa vivência do inexorável e do terrível é criada pelo ritmo sonoro, ao nível representativo e ao nível de presença. Não presença do corvo, mas quase. É presença do ritmo emocional que mobiliza toda minha vida interior e ela se apóia e se projeta nesse corvo terrível que me amedronta com respeito poético.

**Rodrigué:** Isaías, nessa linha, a música, em última instância, não é uma situação limite de estrutura pura? Ou seja, a música é *feeling*, é sentimento e está feita da mesma substância que o sentimento.

**Melsohn:** Sim. Aliás, Susanne Langer tem o nono capítulo, “*On the significance of music*”, onde ela diz que vários artistas, músicos, pensadores escreveram sobre música, alguns sugerindo que há música programática, descritiva, considerando que ela descreve situações. Susanne Langer mostra que o fato de ser um grande músico não significa necessariamente que ele seja um grande filósofo da música. O que ela diz é que a música, a arte de modo geral, permite conceber a emoção e não vivê-la. Se eu me ponho a chorar no *adágio* de Mozart, eu não aprecio Mozart. Se eu vou ao cinema com meu filho e na hora em que o bandido vai matar o moço, meu filho grita: “Pai, ele vai matá-lo!”, ele capta a forma e a carne da emoção. E se vou assistir Júlio César e vejo o que é o ódio e a paixão política no contexto da expressão da tragédia, eu concebo a forma da emoção política sem me por a tremer.

**Carmem Leite:** Eu sou enamorada dessa profunda virada epistemológica da qual tenho prazer em ser contemporânea, que pode ter a sua origem em Cassirer e que, provavelmente, iremos encontrá-la historicamente bem antes, também. Trata-se dessa virada que faz passar do representacionismo que, durante pelo menos dois mil anos, manteve a divisão sujeito e objeto. Neste momento estamos realmente passando para a noção de que somos os construtores do mundo e que se existe um real que não podemos conhecer, temos uma realidade que somos nós que construímos e conhecemos. Então, eu tenho uma sugestão para fazer. Fiquei especialmente encantada com a idéia de chamar estas reuniões de *Acontecimento Estético na Clínica Psicanalítica*, mas a partir desta virada epistemológica eu, pessoalmente, gostaria de chamar a clínica psicanalítica de acontecimento estético.

**Melsohn:** Eu tenho uma visão um pouco restrita, mas que vai nessa mesma linha. Penso que a influência da noção de estética e de apreensão na psicanálise significa contemplar-se a si na sua vida emocional. Contemplação como forma, não como tremor. No momento em que há um entendimento e uma possibilidade de apreensão reflexiva, mas ao mesmo tempo discursiva e expressiva, emocional do que eu sou, quando eu me vejo falado por outrem, eu me apreendo dentro do outro que me acolhe e me compreende – movimento afetivo fundamental. Aí eu posso, através disso, recuperar reflexivamente, à distância, o que eu sou, passando da vivência para uma reflexão sobre a vivência. É nesse aspecto que reside, no meu modo de entender, *sensu strictu*, a noção de experiência estética na vivência analítica.

**David Calderoni:** Minha questão é a mesma, mas vai tomar uma

forma diferente para cada um dos que falaram. Para Rodrigué, pergunto o que faz com que uma transgressão seja destrutiva ou disruptiva/criativa? Por que, por exemplo, damos o mesmo nome de transgressão tanto ao uso de uma droga que

“

Por que, por exemplo, damos o mesmo nome de *transgressão* tanto ao uso de uma droga que leva à morte quanto ao que pode levar às trilhas da psicanálise?

”

leva à morte, quanto ao que pode levar às trilhas da psicanálise?

E, para Isaías, gostaria de perguntar o que pode fazer a passagem do tremor à forma? O que pode fazer a passagem de uma vida de impulsos que se coloca de tal

maneira que gera só sideração ou exasperação para essa outra configuração na qual se introduz a forma e pode haver, então, a criação propriamente dita?

**Rodrigué:** Carmem certa vez me contou um poema indígena que diz: “*Não insulteis a fé com esperança*”. Vejam que forte. Esse poema me fez pensar muito sobre o papel da esperança, recolocar-me o valor dos valores: o valor de coisas como a esperança, o bom, o ruim. Ao formular sua questão, você mencionou a palavra morte e, em Salvador, há um ou dois meses atrás, houve um congresso cujo tema era *Amorte* – onde estava contido amor e morte. Digo tudo isto, porque eu acho que teríamos que fazer uma rediscussão bastante radical desse maniqueísmo entre pulsão de vida e pulsão de morte, teríamos de pensar o que é isto de dizer que a pulsão de morte leva à morte; considerar que, talvez, seguindo Freud no *Projeto...* de 1895, não seja possível que esteja realmente certo afirmar que com uma queda de tensão do princípio de prazer, do tipo inércia, em última instância, a felicidade esteja na morte. Teríamos que discutir bastante esses valores e isso, nesse momento, me interessa muito.

**Melsohn:** Eu não sei o que é que faz a transformação de tremor em reflexão sobre si. Eu não sei em que situações isso ocorre. Um estudo no qual se tentou, de forma sistemática, comparar a acessibilidade à transformação em várias técnicas psicoterápicas, inclusive a psicanálise, tendeu a mostrar que há mais ou menos o mesmo número de benefícios nas várias técnicas.

Existe a doença mental endógena, existem fundamentos neurológicos para uma série de doenças. É muito comum ouvirmos que “fulano teve um quadro esquizofrênico”, porque diagnósticos abundam. No entanto, a noção de esquizofrenia como doença é uma sentença de morte muito grave. Exis-

tem surtos psicóticos psicogenicamente determinados, acessíveis à forma de atendimentos psicológicos. Eu não sei que mudanças caracterológicas uma análise pode propiciar. Não tenho notícia. O que eu observo da experiência que temos de convívio com companheiros é que a vida traz muitas mudanças e, também, possibilidades de reflexão e de reconhecimento de alimentos espirituais que podem produzir mudanças importantes.

É possível que no decorrer da análise haja subsídios para mobilização de recursos para obter esse alimento espiritual. Mas eu não sei até que ponto, eu não sei responder a isso e acho que devemos ser mais comedidos e modestos na nossa proposta, que não é uma panacéia.

Vou contar o episódio que Cassirer toma em *Linguagem e Mito* sobre um homem, relatado por um missionário, e que Cassirer utiliza como exemplo da passagem e da integração social e da posse da linguagem. Esse homem vai à floresta e, diante de uma enorme árvore de Fruta-Pão, tem um súbito estado de terror. Ao se recuperar, ele vai contar isso ao feiticeiro, descrevendo que ficou siderado. O feiticeiro diz a ele que dessa maneira apareceu e se revelou para ele um *tro*, uma divindade – *daimon*, no sentido arcaico grego – pessoal dele. O feiticeiro esclarece que esse *tro* o protegeria para sempre e que o terror que ele sentiu era a maneira de *daimon* se revelar. E este homem, que viveu o terror, daí por diante, quando ele tem um inimigo, ele se esconde e apela para o seu *daimon*. Trata-se de uma experiência assim chamada esquizóide, que depois é integrada no acervo cultural e lingüístico do grupo. É uma coisa importante que isso possa ocorrer, que deve ocorrer com todos nós, semi-esquizofrênicos.

**Daniel Delouya:** Considero que a representação, em Freud, tem

uma parte que é a apresentação tal como entende Isaías, mas também é uma outra coisa. Quando Freud fala sobre representação, a meu ver, não se trata da representação como entendem os filósofos – que Isaías cita muito em seus trabalhos – mas



Quando Freud  
fala sobre  
representação, a  
meu ver, não se trata  
da representação  
como entendem os  
filósofos, mas da  
organização  
dos fragmentos da  
memória e dos  
traços de memória  
em uma cena cujo  
agenciador é o desejo.



se trata da organização dos fragmentos da memória e dos traços de memória em uma cena cujo agenciador é o desejo. Não se trata de uma cópia da realidade, mas de uma organização de cena onde o sujeito está incluído. Nesse sentido, penso que Melanie Klein apresenta algo pare-

cido, quando nos fala da existência da memória dentro dos sentimentos (*memory in feelings*).

**Melsohn:** Estou, em princípio, de acordo com Daniel. A palavra representação tem várias acepções. No primeiro volume das *Investigações Lógicas*, de Husserl, ele descreve treze acepções. Eu estou usando, em alguns escritos, um sentido muito estrito, não de *Vorstellung*, como usou Freud, mas sim de função representativa, mediante a qual uma parte de um objeto pode representar o todo e permite estabelecer um vínculo de organização lógica na linguagem, tal que permita ampliar o conhecimento do mundo. Esta é a noção de representação quando se a toma sendo subordinada à chamada função representativa. Mas representação tem evidentemente muitas outras acepções.

Eu a utilizo no sentido de conteúdos de imagens ou de percepções ou de pensamentos que surgem sob a égide da função representativa; este sentido é diverso da forma de “representação” de conteúdos que surgem despertados pelo desejo. Então é apenas questão terminológica aqui, mas por trás da questão terminológica é necessário insistir na dicotomia entre dois universos psíquicos, um que diz respeito à expressão da vida afetiva e outro que é subordinado ao conhecimento fenomenal do mundo. Não devemos misturar os dois. A representação como função representativa implica afastar-se do mundo e concebê-lo; a representação organizada como imaginária, como vida afetiva, tem outra função – podemos chamá-la de representação também.

Apenas chamo a essa que é articulada pela pulsão e pela vida afetiva de formas presentativas da vida mental e da afetividade. Podemos, se quiser, chamá-las de representações afetivas.

**Felipe Lessa da Fonseca:** Ficou uma impressão, para mim, um pou-

co vaga, mas que me levou a pensar em inúmeros artistas que frequentemente usam drogas. Levando em conta sua fala, Rodrigué, fiquei pensando o que seria exatamente que você estaria falando sobre estética ou sobre acontecimento estético. Ao final da sua fala, além da beleza do seu texto, restou para mim, fortemente, uma menção à criação. Haveria aí, do seu ponto de vista, uma vinculação entre o uso das drogas e a criação? Por onde é que estaria passando essa relação na escolha do tema que você apresentou?

**Rodrigué:** Eu, até quatro, cinco dias atrás, tinha outro texto. Houve uma discussão muito interessante, no fim de semana com Clara, que me fez repensar – isso eu não pensava dizer, mas digo – e, de repente, pensei que seria bom escrever um texto que em si mesmo fosse estético. Preocupe-me, antes de mais nada, em fazer um texto belo – um pouco como quando Anna Freud escreveu seu primeiro trabalho onde aparece, sem aparecer, que a paciente de Anna Freud era Anna Freud e o trabalho, que era sobre sublimação, no mesmo gesto em que estava sendo escrito estava viabilizando uma sublimação. Pensei: não seria bom criar um efeito estético dentro do próprio trabalho e despreocupar-me de qualquer outra conexão com outras coisas? Sinto que cumpro com essa função.

**Melsohn:** Eu gostaria de dizer umas palavras sobre o problema da maconha ou outras drogas evocarem possibilidades artísticas.

Todo grande artista entra num estado que a droga provoca, sem droga. Há um episódio sobre Klee que conta que, quando ele ia à floresta, percebia que as árvores o olhavam. Isso seria chamado por Melanie Klein de paranóide, sem que o seja absolutamente. Aliás, esse termo “posição esquizo-paranóide” provavelmente não é

compatível com os primeiros estádios do desenvolvimento porque eles incluem estados de fascínio e imantação extraordinários que não são paranóides, mas são esquizóides. Aqui vale lembrar o trabalho de Meira Liekermann, uma das pioneiras do grupo kleiniano, que es-

“

T  
odo grande  
artista entra num estado  
que a droga  
provoca, sem droga.  
Há um episódio  
sobre Klee  
que conta que, quando  
ele ia à floresta,  
percebia que  
as árvores o olhavam.

”

creveu sobre os fundamentos de estesia, de reconhecimentos sensíveis sem ser propriamente estéticos no sentido de artísticos.

Outro episódio: um dia, Kandinsky, ao sair da Bauhaus, co-

menta com Klee ter ouvido um barulho rítmico. Klee, então, diz: “Era eu. Estava pintando. A pintura é uma dança!”. E esta vivência de sinestésias, de comunicação dos vários planos sensoriais que a nossa linguagem/aprendizado começou a separar (audição, visão, tato etc.), era originariamente permeável uma com a outra. A mesalina, por exemplo, reduz a inibição de percepção desses aspectos e com o uso dela assistimos a experiências incríveis. Merleau-Ponty descreve a experiência de um sujeito sob os efeitos da mesalina que, ouvindo uma flauta, dizia: “Eu vejo um som saindo verde”. Há também Rimbaud que escreve e classifica as vogais segundo as cores. Esta capacidade de percepção do artista pode ser talvez estimulada pela droga num certo nível, porque reduz as inibições produzidas pela ordem do discurso e da percepção trivial.

Quero lembrar ainda o episódio na biografia de Beethoven, quando ele, compondo a Sonata Opus 31, nº 2, uma das grandes sonatas em tonalidade menor, refere-se à inspiração que foge, que o persegue e que ele não consegue alcançar.

**Luiz Meyer:** Já que estamos próximos do fim, talvez Rodrigué pudesse fazer um comentário sobre o sonho dele, a respeito dos animais pré-históricos; a noite está terminando e havia no sonho um temor da exposição e a idéia de que podíamos todos nos fossilizar no tempo.

**Rodrigué:** (...) provavelmente na Acrópole, aparecem esses bichos, aparece a Serpente Marinha, aparece o Unicórnio etc. Mas, para mim, foi interessante o reencontro com Isaías. Nós nos vimos uma vez, há mais ou menos trinta anos, e Isaías continua uma pessoa tão rica... E estávamos separados. Então, somos dois maravilhosos fósseis! ■